

# COSMOPOLITISMO E ESPAÇO HABITADO EM *BAIÔA SEM DATA PARA MORRER*, DE RUI COUCEIRO

Renan Henrique Messias de PAULO\*

- **RESUMO:** N’O Romance Português Contemporâneo Miguel Real, escritor e ensaísta, defende a ideia de que o romance contemporâneo português “tornou-se cosmopolita, eminentemente urbano, dirigido a um leitor global, explorando temas de caráter universal, centrado em espaços geográficos exteriores à realidade nacional” (Real, 2012, p. 11). Nesse sentido, a prosa contemporânea portuguesa tenta fugir dos traços que marcaram sua literatura na primeira metade do século XX, com romances regionais, rurais e que buscavam esboçar a identidade do sujeito português. Dito isto, este trabalho tem como objetivo encontrar no romance *Baiôa sem data para morrer*, lançado em 2022 por Rui Couceiro, traços do cosmopolitismo, uma vez que o romance narra a vida dos moradores do vilarejo Gorda-e-Feia, no Alentejo, especialmente a de Joaquim Baiôa que tem a missão de reconstruir as casas do vilarejo. Com uma população idosa, os moradores de Gorda-e-Feia vivem num estado de melancolia e à espera da morte. Sendo assim, este trabalho busca encontrar na narrativa elementos que enquadram o romance como cosmopolita, já que a premissa do livro não apresenta esse caráter universal. Além disso, pretende-se analisar o tom melancólico presente na obra, sendo essa melancolia promovida pelo atraso e pelas relações sociais que se configuram entre as personagens principais.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Romance Português Contemporâneo. Cosmopolitismo. Baiôa sem data para morrer. Rui Couceiro. Melancolia.

## Introdução

Somos apenas o tempo que temos e o passado faz-se cada vez mais longo.

Rui Couceiro (2023, p. 414)

A literatura portuguesa contemporânea tem incitado inquietações tanto no mundo da teoria e crítica literária, mas também em projetos de vida. A sempre urgên-

---

\* UFSCar - Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas - Departamento de Letras. São Carlos - SP - Brasil.3565-905 - renan.messias@estudante.ufscar.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

cia de tratar assuntos como identidade, território, espaço, memória e cotidiano são temas que emergem num mundo de possibilidades que permitem realizar a leitura do país lusitano à luz de suas contradições, histórias e artes. Giorgio Agamben (2009, p. 65) diz que:

[...] ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nos. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar.

A coragem de ser contemporâneo também se encontra no fato de que é preciso sempre compreender a realidade que nos cerca, nos afastando e enxergando todas as problemáticas que compreendem o mundo presente. A coragem se faz necessária para provocarmos o entendimento de todas as construções que levaram a sociedade até sua atualidade. Ao pensarmos na realidade portuguesa, por exemplo, compreender o passado recente de Portugal é entender como o regime do salazarismo impactou não apenas na forma como a sociedade portuguesa resistiu ao período de 1933-1974, mas também refletir como a arte se manteve e se reproduziu antes, durante e depois da Revolução.

Além da coragem o contemporâneo também tem como característica a potencialidade de transformação da relação do tempo presente, possibilitando ao leitor uma leitura inédita de sua realidade, como se verifica em *Baiôa sem data para morrer*, de Rui Couceiro que, numa primeira vista, pode ser lido como um romance que busca inspirações dos romances neorrealistas, ao retratar o olhar do campo e dos camponeses dum Portugal profundo, mas com a grande diferença de apresentar as transformações que não apenas o espaço agrário sofreu, mas também os sujeitos que habitam esses ambientes:

[...] o contemporâneo não é apenas aquele, que percebendo o escuro do presente, nele aprende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade eu não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (Agamben, 2009, p. 72).

Existe, portanto, um desejo de reescrita do passado de Portugal nessa ficção contemporânea que, segundo Gabriela Silva em *A novíssima literatura portuguesa: novas identidades de escrita* (2016):

Escritas marcadas pelo desejo de (re)escrita do passado, discursos históricos ficcionais e funcionais, preservadores e idealizadores da identidade são características que percorrem todas as épocas da literatura portuguesa, na afirmação de sua voz como nação e arte. [...] Configuram-se como uma nova visão do sujeito português, não através da representação de personagens que tragam em sua constituição traços típicos de identidade, mas pela forma como tratam a memória cultural pertencente ao mundo todo. Como expandem e também tomam para si uma nova percepção de sujeito e memória. [...] O espaço ficcional é, por sua natureza, o espaço das possibilidades. Além das fronteiras ficcionais, rompem com formas de narrar, com construções de personagens, com a história do mundo e dos homens. Formam um novo cânone marcado pela diversidade, elemento intrínseco do novo modo de pensar o sujeito contemporâneo (Silva, 2016, p. 6-20).

A visão do sujeito português contemporâneo está também na captura da identidade duma sociedade que viveu muitas transformações ao longo da história. A diversidade de possibilidades fez com que toda essa nova ficção portuguesa, sobretudo a produzida no século XXI, seja múltipla. Em *Seis propostas para o próximo milênio*, Italo Calvino acredita que o romance contemporâneo também é um romance com multiplicidade em que “como método de conhecimento e, principalmente, como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo.” (Calvino, 2019, p. 123)

Logo, fica evidente ao lermos autores como Djaimilia Pereira de Almeida, Afonso Reis Cabral, Isabel Rio Novo, Rui Couceiro entre tantos outros que a literatura produzida em Portugal no nosso século é uma literatura que oferece ao mundo paralelos para o entendimento de nosso tempo presente. São obras que dialogam não apenas com os limites culturais e territoriais do país europeu, mas também compreendem fronteiras que possibilitam a leitura tanto do interior para o exterior, quanto a relação inversa.

Este trabalho, assim como foi apresentado como forma de comunicação oral no XXIX Congresso Internacional da ABRAPLIP, realizado na Universidade Federal de São Carlos entre os dias 25 a 29 de setembro de 2023, se propõe a realizar uma leitura da obra *Baião sem data para morrer*, de Rui Couceiro.

N’O Romance Português Contemporâneo Miguel Real (2012, p. 11), escritor e ensaísta, defende a ideia de que o romance contemporâneo português “tornou-se cosmopolita, eminentemente urbano, dirigido a um leitor global, explorando temas de caráter universal, centrado em espaços geográficos exteriores à realidade nacional”. Assim sendo, uma das principais características, segundo o autor, da nova narrativa portuguesa do século XXI é o cosmopolitismo, defendido aqui como:

[...] os romances não são escritos exclusivamente para o público português com fundamento na realidade regional portuguesa, mas, diferentemente, ao

contrário do antigo paroquialismo animador do romance português da década de 50, preso quase em exclusivo a ambientes nacionais e a um «homem» nacional, destinam-se a um público universal e a um leitor único, mundial, ecuménico (Real, 2012, p. 11)

O cosmopolitismo faz-se sentir a partir, segundo Miguel Real (2012, p. 14), através da:

[...] caracterização da identidade das personagens, na radical alteração do espaço geográfico e no campo lexical, a primeira acolhendo personagens exteriores à matriz tradicional idiossincrática da cultura portuguesa (rural/urbano, castiços/ estrangeirados, racionalista/devotosupersticioso, mediterraneanismo-atlantismo/ europeísmo, clássico/moderno...), negando e superando esta de um modo positivo; a segunda estendendo o espaço para além das fronteiras nacionais ou minimizando a importância destas; a terceira, acolhendo expressões (palavras, frases, diálogos) registadas diretamente em língua inglesa e outras línguas/ linguagens (vários crioulos africanos, expressões eslavas, brasileirismos...).

Numa primeira vista, o romance de Rui Couceiro, *Baiôa sem data para morrer*, lançado pela Porto Editora em 2022 não apresenta as características mais pungentes do cosmopolitismo português segundo o conceito de Miguel Real, pois acompanhamos na obra a missão do narrador junto com um senhor já em idade, Joaquim Baiôa, no restauro de casas antigas na aldeia Gorda-e-Feia no Alentejo profundo. O romance de estreia de Rui Couceiro, o livro apresenta uma temática que, a princípio, foge com todo o cosmopolitismo presente nas narrativas portuguesas do século XXI.

Vencedor do Prémio Literário Manuel de Boaventura de 2023, em *Baiôa* acompanhamos a aventura de um jovem professor que faz uma viagem para o Alentejo profundo a fim de averiguar a reforma que Joaquim Baiôa havia feito na casa abandonada de seus avós. A fim de buscar um refúgio de toda a vida conturbada que tinha com o trabalho e o modo de vida na capital, o jovem professor embarca nessa longa viagem para o vilarejo de Gorda-e-feia.

Vale a pena destacar que o jovem professor, na qual não temos o conhecimento do nome, se desloca da capital portuguesa, Lisboa, em direção ao interior do país, marcado com muitos contrastes sociais, paisagísticos e culturais. Henri Lefebvre (2019), em *A revolução urbana*, desenvolve uma incontornável obra para a área da geografia e do urbanismo. Em seu estudo, o entendimento da realidade social é um produto das transformações espaço-temporais que acompanhamos no desenvolvimento da história, tendo como grande marco o advento da industrialização.

Segundo o autor francês, quando falamos de espaço rural, deve-se levar em consideração que se trata de um espaço em que a lógica de reprodução da vida é completamente diferente da lógica presente no espaço urbano, sendo que:

O campo “camponês-rural” compreende uma re-representação do espaço, ou, se quisermos, uma grade espacial, implicando a orientação, a demarcação, a capacidade de se apossar dos sítios e de nomear os lugares. [...] Ele supõe uma espontaneidade fortemente controlada pela ação incessante da comunidade. O que não ocorre sem particularidades mentais e sociais, sem originalidades devidas à origem dos grupos (etnias, climas, quadros geográficos, produções naturais organizadas pelo trabalho agrícola etc.). As particularidades de tais grupos encontram sua expressão privilegiada na combinação de suas atividades, não obstante distintas mesmo opostas tendencialmente: a magia e a religião. [...] Um pensamento imediato – que também é pensamento do imediato (do que acontece aqui e agora, do que é preciso fazer hoje ou amanhã) – integra-se num pensamento mais vasto e mais amplo, que compreende vidas inteiras, seus acontecimentos – nascimentos, casamentos, mortes e funerais –, bem como a sucessão das gerações (Lefebvre, 2019, p 48-49)

Como explicitado no trecho citado, esse espaço rural conta com a particularidade da espontaneidade. Logo, as relações sociais que se desenrolam nesse ambiente produzem o próprio modo de vida da comunidade. Um exemplo disso é encontrado no romance *O dia dos prodígios*, de Lídia Jorge, pois no vilarejo fictício de Vilamaninhos a população efabula e reproduz um modo de vida que é consequência de todo o esquecimento, exclusão e alienação diante seu próprio tempo. Para aquelas personagens, era mais importante saberem dos eventos fantásticos que assolavam a região do que as notícias de que haviam feito uma revolução na capital.

Como veremos adiante, a população que ainda habita Gorda-e-feia produz um modo de vida pautado na melancolia numa vida à espera da morte, pois acompanham cada um dos moradores morrerem dia a dia.

Gradualmente, observamos o desenvolvimento da amizade entre o narrador e Baião, sendo este último uma figura central que enfrenta o desafio de reconstruir a memória de um vilarejo praticamente abandonado.

Milton Santos (2007, p. 14), em *Pensando o espaço do homem*, assinala que,

O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais, essas formas – objetos, tempo passado, são igualmente tempo presentes, enquanto formas que abrigam uma essência dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso o momento passado está morto como tempo, não porém como espaço (Santos, 2007, p. 14).

Portanto, como as personagens se colocam no espaço, ao longo da história, impacta de forma significativa a presença dos mesmos no presente. Temos no vilarejo uma população envelhecida, esquecida e à espera da morte. Esse tom de espera permeia toda a obra, sobretudo quando Baiôa recebe de herança um caderninho do médico da cidade. Esse caderninho contém registros contendo a data em que todas as pessoas do vilarejo iriam morrer, menos a de Baiôa:

O Dr. Bártolo deixara, destacada em testamento, o tal que consagrava Joaquim Baiôa como único herdeiro, uma extensa tabela com as datas das mortes futuras, como as datas últimas dos que na aldeia ainda estariam vivos aquando da morte do Dr. Bártolo, uma lista abreviada a partir de uma lista geral incluía no livro no qual trabalhava há uma vida inteira e que contemplava todos os indivíduos abarcados pelo estudo de caso que o sustentava e que, portanto, contemplava tanto mortos como vivos (Couceiro, 2023, p. 193).

A aldeia de Gorda-e-feia era tão pequena que o único médico que lá atuava, Dr. Bártolo, investiu sua vida toda num estudo profundo sobre as características de cada um dos moradores:

Os estudos do Dr. Bártolo pareciam dar-lhe uma visão estranhamente completa de todas as pessoas: dos saudáveis, dos doentes e dos que não estavam ainda doentes, dado que defendia que, na velhice, não havia indivíduo que não desenvolvesse pelo menos uma de várias patologias da degeneração celular. Dizia o médico que a ciência já provou que, tirando os acidentes, ninguém morre de velhice, naquela perspectiva romantizada de último suspiro, sem motivo que não o passar dos anos e, que toda a gente morre de doença. No limite, a velhice poderia ser entendida como um estádio próprio para a manifestação dos problemas de saúde, isto é, quase como um sinônimo de doença. [...] Esta naturalização da morte não me espantou, mas, sem saber que voltaria a ela várias vezes depois de Baiôa me revelar o tão esperado grande segredo, fotografei a passagem com o telemóvel (Couceiro, 2023, p. 180).

Esse segredo seria então a herança dos estudos de Dr. Bártolo com a lista dos moradores e as respectivas datas e causas de morte que teriam. Não se tratava de eventos fantásticos, mas tudo era baseado no profundo conhecimento que o médico tinha a respeito dos moradores de Gorda-e-Feia.

O mais espantoso era a ausência de informações sobre a possível morte de Joaquim Baiôa. Com isso, a personagem lida com a ansiedade de ter que durar até a eternidade, caso fosse possível, e acompanhar todos e tudo a sua volta se dissipando e se perdendo:

Baiôa carregava às costas o peso de um segredo, que se desdobrava em vários outros. Por um lado, era portador de todo o trabalho científico de um médico de grande gênio, que se dera durante décadas a uma colossal investigação, e que lho entregara com um propósito para ele ainda desconhecido, mas que o obrigava a agir. Por outro, sabia quando iriam morrer todos os que com ele habitavam a aldeia e o perímetro envolvente, o que correspondia a conhecidos e amigos – em sua, a toda a gente. Em simultâneo, desconhecimento, comum a todos os mortais, não deveria angustiar ninguém, a menos que esse alguém fosse o conhecedor único de um segredo sobre a extinção de um mundo. Sim, porque era disso que se tratava, da extinção da aldeia, morriam as memórias, os costumes e a história de uma aldeia, de um pequeno mundo que toda a vida fora dela. Sentia, por isso, ser seu dever fazer alguma coisa. E, já que não podia evitar aquelas mortes – as mortes dos que lhe eram queridos –, lembrou-se de fazer renascer a aldeia com outras pessoas. Não seria a mesma coisa, mas não era isso que acontecia a todos os lugares? E, se os que ali habitavam não tinham já idade para procriar, ele traria para aquele lugar quem estivesse ainda em condições de o fazer (Couceiro, 2023, p. 195).

Com essa angústia de saber do fim de cada um de seus vizinhos, alinhado às casas que se dissolviam graças às intempéries do próprio tempo, Joaquim Baiôa tenta no ato de restauro, reconstruir a memória do lugar e, com isso, atrair novos moradores para que seu mundo deixasse de desabar.

Jaime Ginzburg em *Literatura, violência e melancolia* (2012) diz que a melancolia está associada ao processo de inquietação do sujeito: “O melancólico estaria portanto em uma espécie de ponto de mediação temporal, a partir do qual vê com sofrimento o passado, em razão das perdas, e se inquieta com o futuro, pelo medo de um possível dano” (Ginzburg, 2012, p. 48).

Como o propósito deste trabalho é identificar o cosmopolitismo presente na obra, irei elencar dois momentos fundamentais para classificar o romance de Rui Couceiro como uma obra cosmopolita, segundo a teoria de Miguel Real.

Em primeira instância, o livro se enquadra no quesito de “texto esteticamente belo” (Real, 2012, p. 100). “Assim como Pedro Almeida Vieira, João Paulo Oliveira e Costa, Octávio dos Santos e Sérgio Luís de Carvalho, Isabel Rio Novo apresenta um romance “Belo pela rigorosíssima descrição histórica” (Real, 2012, p. 101), pois consegue recontar a história de ocupação e migrações ao longo da história da região do Alentejo. Além disso, a descrição física do espaço é uma das características mais marcantes no romance.

Gorda-e-Feia é, na verdade, um vilarejo fictício, mas Rui Couceiro a insere num espaço verossímil e a forma como ele descreve essa paisagem é muito rica. Este detalhamento não apenas cria uma imagem vívida do ambiente, mas também destaca a habilidade do autor em transportar o leitor para uma realidade detalhada



e evocativa, evidenciada pelas suas descrições minuciosas e pelo uso de mídias modernas para capturar e compartilhar a experiência da viagem.

Eram estradas de duas faixas, uma em cada sentido, embelezadas de quando em vez por corredores de sobreiros a perderem para os campos, por estreitos de ciprestes altíssimos, ou por túneis de azinheiras protetoras (para identificar as azinheiras tive de recorrer ao Google, admito). [...] Daquela primeira vez, e ainda antes de Monsaraz, comecei a avistar o grande lago, um colosso de água enfiada em valas de barrancos. Subi ao castelo e, com o telemóvel, disparei em várias direções, fiz fotografias panorâmicas e vídeos que publiquei nas redes sociais, para me convencer de que a viagem estaria a valer a pena (Couceiro, 2023, p. 11-12).

No romance de Couceiro (2022), observa-se uma relação complexa entre o modo de vida contemporâneo e as dificuldades enfrentadas por indivíduos que precisam se adaptar a contextos de isolamento, longe das facilidades e conveniências da vida urbana. O protagonista, um jovem professor com hábitos cosmopolitas e familiarizado com as tecnologias modernas, depara-se com a realidade de viver em um local onde a conexão com o mundo exterior é limitada. Em diversos trechos da narrativa, o personagem expressa sua frustração com a precariedade da conexão à internet e a impossibilidade de manter uma presença constante nas redes sociais, elementos fundamentais para sua vida anterior.

Esse contraste é evidenciado na conversa com Ti Zulmira, uma residente do vilarejo, que desabafa sobre o isolamento tecnológico da região. Ela expressa sua angústia ao relatar a ausência de uma conexão à internet de qualidade, destacando como isso agrava o sentimento de distanciamento em relação ao resto do país:

[...] o grande sofrimento com que vivo – e é uma angústia das piores com que já lidei – é, imagine, e se calhar não imagina porque em Lisboa certamente tudo é diferente, há muito que sei que as coisas boas ficam todas lá e raro chegam aqui, mas aqui também é Portugal, sabe? O grande sofrimento que carrego nos ombros que muitas vezes me deprime, porque não é fácil viver neste isolamento, o meu menino há de ver, é o facto de por cá não haver nem uma ligação à internet que preste. Nem uma só, percebe? (Couceiro, 2023, p. 74).

Essa citação ilustra de forma clara o desafio que o protagonista enfrenta ao tentar conciliar sua identidade cidadina com a realidade rural, onde o acesso à tecnologia é precário e o isolamento social é intensificado pela ausência de meios eficazes de comunicação. A dificuldade de adaptação a esse ambiente reflete uma tensão contemporânea, em que a dependência das tecnologias de comunicação moderna se choca com as limitações impostas por contextos geograficamente e socialmente isolados.



Surgem reflexões sobre a profunda integração das redes sociais na vida do narrador-personagem. Após deixar uma vida tumultuada e marcada pelo *burnout* em Lisboa, o protagonista, ao chegar à aldeia, ainda enfrenta sintomas de abstinência digital e ansiedade, devido à sua necessidade constante de estar conectado. Mesmo nesse novo ambiente, o professor continua a capturar imagens dos lugares que visita, mentalizando as postagens que realizaria posteriormente no *Instagram*, caso conseguisse acesso a um sinal de internet. Essas ações revelam a dificuldade do personagem em se desvincular do mundo digital e sua persistente conexão com a vida anterior, onde as redes sociais desempenhavam um papel central:

Tomámos a estrada que liga a uma terra de nome Ferradosa e depois seguimos como quem vai para a Barragem da Valeira, de modo a podermos ver o rio a partir do Miradouro de São Salvador do Mundo. E valeu a pena. Com medo de no futuro ter poucas palavras para a paisagem, pequeno no telemóvel e diz vídeos e fotografias panorâmicas. Os montes, vincados por córregos, apontavam para o vale no qual o rio se enfiou, buscando o melhor caminho até ao seu destino, nunca adiando a jornada, contornando todos os obstáculos. Vistas de cima, as curvas tornavam tudo mais belo, a água a enfiar-se cada um dos recursos dos montes. De certeza que, lá em cima, deus teria uma janela virada para aquela paisagem. Milagres são estas terras da Beira, do demo, do Douro, de Trás-os-Montes, todas contidas e amansadas em socalcos ou entre muros. E o cheiro? Outros mirones, estacionados ao nosso cheiro a xisto misturado com esteva (Couceiro, 2023, p. 330).

Na viagem que o professor narrador-personagem faz ao Santuário de São Gonçalo da Cobrição com Baiôa, o restaurador de Gorda-e-feia incentiva o rapaz a encontrar uma mulher para se relacionar afetiva e amorosamente. Num primeiro momento o professor não acata a sugestão, justificando que na capital seria mais fácil encontrar uma companheira mais compatível com ele, ou que talvez encontrasse no *Tinder*:

Eu dizia-lhe que, se o objetivo era procurar mulheres atraentes no meio daquela pequena multidão, era preferível comprar um bilhete para um festival de verão, ou enfiar-me nos bares dançantes do Cais do Sodré, onde havia mais opções talvez – e aqui falava meu provincianismo de menino nascido e criado na capital – mais compatíveis comigo. E havia ainda o *Tinder* e outras hipóteses muitíssimo práticas de procurar o amor sem sair de casa. Mas Baiôa, com aquele ar arcano de quem sabe mais do que diz, acabava por se faltar dos meus lamentos (que, em rigor, eram moderados, porque existia esperança em mim) e sentenciava: meu amigo, não é para procurar amor que aqui o trago; a escolha pode até já estar feita e trago-o cá apenas para que o encontre (Couceiro, 2023, p. 375).

Nessa experiência da visita ao santuário, o professor encontra com a mulher dos seus sonhos, entra em transe e é acordado por Baiôa com as calças molhadas de xixi. Apesar da cômica cena, isso resultou numa intensa troca de mensagens entre o narrador e a mulher dos seus sonhos e engataram um namoro à distância:

Não se pense que encontrar o amor me trouxe grande sossego. Em virtude de várias circunstâncias, os primeiros meses de namoro foram à distância. Até pensei ir ao santuário de São Gonçalo da Cobrição bendizer os telemóveis aos pés do santo e louvar a existência da internet perante o senhor que olha por ele e por nós. Foi agarrado ao telemóvel com entusiasmo cavalgante da paixão que recomecei as minha noites de vigília. Passei no escuro horas sem fim, a trocar mensagens, a conversar e tentando encurtar a distância através de videochamadas (Couceiro, 2023, p. 383).

Enquanto o tempo passava, mais amigos de Baiôa e recém amigos que muito estimava o professor-narrador ia morrendo, em especial Ti Zulmira e Zé Patife. Este último deixou uma profunda tristeza em Baiôa que, em consequência adocece. Mas como ele não havia data para morrer, por descuido ou por não ter tido tempo de Dr. Bártolo prever, Joaquim Baiôa temia definhar numa cama mas nunca, de fato morrer. Essa angústia lembra-nos muito o início de *As intermitências da morte*, de José Saramago, em que num determinado período a Morte tira férias e ninguém nunca mais morre. Na ocasião a população se ilude com a infinidade da vida, mas aos poucos percebem que a não morte é ruim, pois as pessoas ainda adoeciam mas não conseguia, de fato, partir para o outro plano:

[...] Que vamos fazer com os velhos, se já não está aí a morte para lhes cortar o excesso de veleidades macróbias. Os lares para a terceira e quarta idades, essas benfazejas instituições criadas em atenção à tranquilidade das famílias que não têm tempo nem paciência para limpar os ranhos, atender aos esfínteres fatigados e levantar-se de noite para chegar a arrastadeira, também não tardaram, tal como já haviam feito os hospitais e as agências funerárias, a vir bater com a cabeça no muro das lamentações (Saramago, 2017, p. 29).

No romance de Saramago temos a insustentável ausência da morte, que acarreta diversos problemas estruturais na política e na sociedade inventada pelo autor português. No romance de Rui Couceiro, a inquietação da possível não morte de Joaquim Baiôa causa a insegurança no narrador que, a partir desse momento, teme a morte de Baiôa e, sobretudo, que ele tire a própria vida. “Ali, a morte acontecia perto, as pessoas morriam perto, morriam em casa e longe de tudo, morriam a poucos metros de mim e, pior do que isso, ali as pessoas morriam muito.” (Couceiro, 2023, p. 403).

Com perda excessiva de peso, esquecimento e o corpo não respondendo mais seus comandos, Joaquim Baiôa definha cada vez mais na cama do hospital, lugar onde ele não queria estar. Saramago, ainda que de forma cômica, soluciona o problema das mortes e da Morte personagem, mas Rui Couceiro conclui seu livro sem concretizar ou definir o destino da personagem:

Aqui chegados, talvez o leitor tenha já percebido que andei evitar o desfecho, como se não referi problemas os anulasse, ou significasse a existência deles. Nunca quis que este relato soasse a confissão, ou que por entre as páginas se pudesse sentir o odor cobarde do arrependimento. Se há vontade que mantenho é a de crer na forma como tudo terminou. Todos – pessoas, animais e plantas – precisam de um final. Talvez o mundo precise também de um fim, e o fim do mundo de Joaquim Caieiro Baiôa começo a desenhar-se na minha cabeça quando ele adoeceu. Termino este relato. Na narração de qualquer história, a única garantia de um final feliz – e não é isso que todos procuramos? – consiste em terminá-la antes da desgraça, que sempre acabará por chegar (Couceiro, 2023, p. 414).

E para concluir a narração, o narrador tece uma reflexão bonita e poética sobre a ciclicidade da vida e da natureza:

Depois, deu-se o que sempre se dá, por mais que repetidamente nos assustem com os anos mais quentes e secos desde que há registros: começaram as sementes rebeldes vencendo a terra e a cada dia mais se via a vegetação desentranhando-se até formar campos cheios de ervas bravias vivendo a promessa de uma vida extraordinária. Mais tarde, passariam do verde ao amarelo, recuperando a memória do trigo. Veio de seguida o calor, noites e dias se assaram, umas e outros de tempo se alimentando, até que, meses mais tarde, o verão viajou para a África e o sufoco parou. Aconchegadas pelo vento, as árvores fizeram companhia umas às outras nas noites frias. Com as chuvas, coelhos, lebres e raposas recolheram às tocas. Andorinhas, abelharucos, milhafres e cegonhas bateram asas para outras latitudes (Couceiro, 2023, p. 414).

A possível leitura do trecho que encerra o romance permite entendermos que de fato Joaquim Baiôa deixou o plano da vida, mas como o livro é narrado em primeira pessoa e o narrador não acompanhou tal desfecho, seria equivocado postular a sentença do velho morador de Gorda-e-feia. Ao entendermos essa última passagem como uma reflexão de que a vida acontece todos os dias, muitos morrem, mas muitos nascem e a reprodução da vida acontece em cada pedaço de nosso mundo talvez seja a sugestão do que de fato aconteceu com Baiôa, ou não.

## Considerações finais

Em guisa de conclusão, num primeiro plano, *Baiôa sem data para morrer*, de Rui Couceiro apresenta uma proposta de ser um romance com destaque ao regional, uma vez que há uma profunda caracterização do espaço geográfico interiorano em que a obra se desenrola. Entretanto, a diversidade discursiva, as referências culturais evocadas, a melancolia explicitada, o tema universal e o rigor histórico autenticam o livro de Rui Couceiro como uma bela representação do cosmopolitismo português contemporâneo.

Gabriela Silva em *Três lições de José Saramago sobre os homens do seu tempo* (2023) diz que a literatura guarda as verdades absolutas sobre o comportamento humano:

[...] a literatura contém em si todas as verdades absolutas sobre o comportamento humano, bem como as soluções para esses comportamentos. Como se a natureza da literatura (mimese e representação e por isso variante e sem determinante fixo) fosse uma forma de catarse absoluta cujo efeito seria a redenção da humanidade. Por certo que muitas obras através das suas alegorias enunciam uma visão de mundo que pode estimular a revisão de modelos sociais e pensamentos poluídos de obscurantismo e isentos de alteridade e empatia (Silva, 2023, p. 3).

A literatura que lê o comportamento humano é certamente a que encontramos na obra de Rui Couceiro. Tanto na construção das personagens alentejanas, sobretudo Joaquim Baiôa, quanto o jovem professor-narrador. Acerca de Baiôa, temos uma profunda marca do espaço rural na reprodução de seu modo de vida. Antonio Candido em *Os parceiros do Rio Bonito* (2017), diz que:

O equilíbrio social depende em grande parte da correlação entre as necessidades e sua satisfação. E sob este ponto de vista, as situações de crise aparecem como dificuldade, ou impossibilidade de correlacioná-las. Daí a evolução das sociedades parecer um vasto processo de emergência de necessidades sempre renovadas e multiplicadas, a que correspondem recursos também renovados e multiplicados para satisfazê-las, dando lugar a permanente alteração dos vínculos entre homem e meio natural. Resulta uma solidariedade estreita em que as oposições se obliteram, de tal forma vai o meio se tornando, cada vez mais, reflexo da ação do homem na dimensão do tempo (Candido, 2017, p. 28)

Como no trecho acima, temos que a vida no ambiente rural implica numa intensa inter-relação homem x natureza. A natureza aqui também é entendida como a cultura desse espaço diferenciado do urbano, não sendo necessariamente a natureza primitiva. O compromisso de vida de Baiôa era resgatar justamente a natureza

dessa vida no Alentejo profundo. Restaurar as casas era reviver a memória, a história e, também, a esperança de que seu mundo não deixasse de existir.

Em relação ao narrador-personagem, temos um professor que migra para a terra de seus avós e passa por profundas transformações no âmbito pessoal mas também coletivo. Com crises de *burnout*, vício em redes sociais e imensa insônia, durante o desenrolar da trama o narrador consegue ir se curando dessas patologias ao passo que vive o modo de vida interiorano e rural. A amizade para com os moradores de Gorda-e-Feia faz com que o mesmo consiga se desprender da vida citadina e, até mesmo, encontrar um novo propósito de vida. Se enquadra num mundo no que José Saramago diz em *O conto da ilha desconhecida* (1998): “é necessário sair da ilha para ver a ilha” (Saramago, 1998, p. 41). Ao se afastar de si, o jovem professor conseguiu se enxergar e lutar contra seus pesadelos.

*Baião sem data para morrer* é um romance que revela múltiplas camadas de significado e oferece uma rica fonte de análise. Embora este trabalho se concentre na questão do cosmopolitismo, outras temáticas igualmente relevantes, como a violência doméstica, o suicídio, a mortalidade e a religiosidade, não foram abordadas em profundidade. Essas questões, no entanto, merecem um estudo mais detalhado, o qual será desenvolvido em minha tese de doutorado.

O romance pode ser considerado uma obra cosmopolita não apenas por trazer à tona questões da identidade portuguesa e instigar reflexões no contexto nacional, mas também por abordar temas universais que transcendem fronteiras culturais. Questões como a morte, o amor, a senilidade, a amizade, a tecnologia e os modos de vida são explorados de maneira que ressoam com experiências humanas globais, demonstrando a capacidade da literatura em conectar o local com o universal.

PAULO, R. H. M. Cosmopolitanism and lived space in *Baião sem data para morrer* by Rui Couceiro. *Itinerários*, Araraquara, n. 59, v. 2, p. 17-31, jul./dez. 2024.

■ **ABSTRACT:** *In Romance Português Contemporâneo, Miguel Real, a writer and essayist, argues that contemporary Portuguese fiction “tornou-se cosmopolita, eminentemente urbano, dirigido a um leitor global, explorando temas de caráter universal, centrado em espaços geográficos exteriores à realidade nacional” (REAL, 2012, p. 11). In this sense, contemporary Portuguese prose seeks to move away from the characteristics that marked its literature in the first half of the 20th century, with regional, rural novels that aimed to sketch the identity of the Portuguese subject. That said, this work aims to identify traces of cosmopolitanism in the novel Baião sem data para morrer, published in 2022 by Rui Couceiro, as the novel narrates the life of the residents of the village Gorda-e-Feia in Alentejo, particularly Joaquim Baião, who is tasked with rebuilding the village’s houses. With an elderly population, the inhabitants of Gorda-e-Feia live in a state of melancholy and await death. Thus, this study seeks to find elements in the*

*narrative that frame the novel as cosmopolitan, given that the book's premise does not present this universal character. Furthermore, it aims to analyze the melancholic tone present in the work, as this melancholy is fostered by the delay and social relations that are established among the main characters..*

■ **KEYWORDS:** *Contemporary Portuguese Novel. Cosmopolitanism. Baiôa sem data para morrer. Rui Couceiro. Melancholy.*

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio:** lições americanas. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito.** 12<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

COUCEIRO, Rui. **Baiôa sem data para morrer.** Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2023.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia.** Campinas: Autores Associados, 2012.

JORGE, Lúcia. **O dia dos prodígios.** 11<sup>a</sup> ed. Lisboa: Dom Quixote, 2021.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

REAL, Miguel. **O Romance Português Contemporâneo 1950-2010.** Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** 5. ed. São Paulo: EdUSP, 2007.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte.** 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Gabriela. A novíssima literatura portuguesa: novas identidades de escrita. Revista **Desassossego** v. 8, no. 16, p. 6-21, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/122430>. Acesso em 10 de maio de 2021.

SILVA, G. Três lições de José Saramago aos homens do seu tempo. **Via Litterae: Revista de Linguística e Teoria Literária**, v. 14, n. e1400, p. 01-19, 30 dez. 2022. Disponível

em: < <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/14319> >. Acesso em 30 de dezembro de 2023.

